

“Ciência para quem precisa/Ciência para quem precisa de ciência”

Eduardo Rodrigues Hickel¹

O artigo científico, por muitos considerado o clímax da pesquisa científica, foi idealizado e constantemente aperfeiçoado como a forma de o cientista relatar à sociedade, sem dubiedades, seus achados. Relatar no que esses achados diferem de outros ou concordam com eles e, eventualmente, os possíveis benefícios que advirão em prol dessa sociedade, que financiou e anseia pelos avanços científicos.

Havia, no entanto, um obstáculo a vencer. O cientista, por si só, não dispunha dos meios para a divulgação científica e precisava de uma “certificação” para, de certa forma, validar ou acreditar seus achados. E isso foi, na maioria dos casos, resolvido com a criação das Sociedades Científicas – organizações sem fins lucrativos que conglomeravam cientistas de mesma área de conhecimento e que estabeleciam um processo editorial para publicação de pesquisas em suas revistas de divulgação científica.

Assim, no Brasil, foram criadas diversas Sociedades Científicas, cada qual divulgando ciência para a sociedade brasileira com sua revista científica. Entre tantas outras surgiram: a Sociedade Brasileira de Fruticultura, com seu periódico Revista Brasileira de Fruticultura; a Sociedade Brasileira de Fitopatologia, com o periódico Fitopatologia Brasileira; a Sociedade Brasileira de Entomologia, com a Revista Brasileira de Entomologia, e sua dissidência: a Sociedade Entomológica do Brasil, com os Anais da Sociedade Entomológica do Brasil. Posteriormente (ou mesmo concomitantemente) algumas universidades passaram a editar as próprias revistas, algumas das quais adquirindo grande prestígio, como a Ciência Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Institutos de Pesquisa também seguiram esta tendência, embora vários de seus periódicos não tenham conseguido o mesmo crédito daqueles das Sociedades Científicas.

Contudo, após a virada do milênio, ocorreu no Brasil uma forte tendência de “internacionalização” da nossa ciência, e as Sociedades Científicas embarcaram nessa onda. Entre outras medidas, várias inglesaram o nome dos periódicos, depois passaram a cobrar por página impressa, a favorecer artigos escritos em inglês e, finalmente, estão até negociando a publicação com editoras internacionais. Tudo isso incentivado pelas agências públicas de fomento, sob a forte alegação de que nossos artigos científicos deveriam ter uma maior “visibilidade internacional”. Mas para quê?

Ou melhor, para quem?

Para promover os associados das Sociedades não parece ter sido o caso, pois basta ver a quantidade de artigos, temas e autores dos últimos números editados e comparar com o fluxo de artigos que eram publicados nos idos de 1990/2000. Para promover a ciência brasileira, dando-lhe maior prestígio na comunidade científica internacional, também se podem levantar dúvidas. Muitos dos artigos recentes não têm “ciência de ponta” em pesquisa para tal. Para promover o desenvolvimento da nação brasileira, mediante a divulgação e disseminação do conhecimento científico, muito menos e, francamente, não seria preciso publicar em inglês para isso acontecer.

Porém é justamente isso que se está cobrando da ciência brasileira como um todo! Que ela publique em inglês, num renomado periódico, com prestígio internacional, porém pouco importando seu comprometimento com a promoção do desenvolvimento tecnológico nacional. Soma-se a isso a “elitização” da pesquisa científica, promovida pelo fomento público, para questionarmos: para quem estamos fazendo ciência?

Obviamente que não deveria ser para o produtor rural norte-americano, nem para o cirurgião britânico nem para o engenheiro alemão. Nossa preocupação deveria ser com o povo brasileiro, dos quais muitos mal sabem falar a língua materna. Se imbuídos desse espírito, ainda estaríamos publicando os mais de 120 artigos/ano nos Anais da Sociedade Científica do Brasil, impresso, se necessário, em “papel jornal” (como valorizava certo professor que tive no curso de mestrado) e que seriam lidos por grande parte, se não a maioria, dos pesquisadores brasileiros.

Mas não. Temos que publicar no “Journal of Science S.A.”, pois isso é que dá renome, verbas e bolsas, ainda que lido por meia dúzia de estrangeiros!

O otimismo, contudo, tem que perseverar e, por certo, um dia ainda recobramos a consciência e voltaremos a valorizar toda aquela ciência, que ainda é insistentemente feita para os brasileiros, por aquela comunidade científica que está à margem do financiamento da ciência no Brasil. Enquanto isso não acontece, só nos resta parafrasear os Titãs, cantando: “Ciência para quem precisa / Ciência para quem precisa de ciência”, na música “Polícia”. ■

¹ Eng.-agr., D.Sc., Epagri/Estação Experimental de Itajaí, C.P. 277, 88301-970 Itajaí, SC, fone: (47) 3341-5244, e-mail: hickel@epagri.sc.gov.br.